

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ISSO É BRASIL: 60 ANOS DA L.C. BARRETO PRODUÇÕES
8 de Novembro de 2024

GARRINCHA – ALEGRIA DO POVO / 1963

Um filme de Joaquim Pedro de Andrade

Realização: Joaquim Pedro de Andrade / Argumento: Joaquim Pedro de Andrade, Luiz Carlos Barreto, Armando Nogueira, Mário Carneiro e David Neves / Texto: Armando Nogueira, Luiz Carlos Barreto e Joaquim Pedro de Andrade / Direcção de Fotografia: Mário Carneiro / Música: Prokofiev, Bach, Frescobaldi, Scarlatti / Som: Eduardo Escorel e Hélio Barrozo Netto / Montagem: Nello Melli e Joaquim Pedro de Andrade / Narração: Heron Domingues.

Produção: Luiz Carlos Barreto e Herbert Richers / Cópia: DCP, preto e branco, falada em português / Duração: 58 minutos.

Com a presença de Júlia Barreto.

Garrincha – Alegria do Povo, foi realizado em 1963, no ano seguinte ao Brasil ter conquistado, no Chile, o seu segundo campeonato mundial de futebol consecutivo. Joaquim Pedro tinha planeado um filme mais ambicioso, e mais rico mormente em termos de material de arquivo, mas vicissitudes várias impediram-no de conseguir fazer corresponder o objecto final ao projecto inicial. Não obstante, uma das suas qualidades – e dos pontos de vista da história e da “estética” do futebol – está mesmo na quantidade e na qualidade do material de arquivo recuperado. Longos excertos da caminhada brasileira para o título no Chile 62, imagens da final no mundial da Suécia em 1958 (primeiro título do Brasil), e ainda a recordação do traumático mundial de 50, quando o Brasil foi derrotado pelo Uruguai num Maracanã novinho em folha e a abarrotar de gente. Tematicamente, o filme tanto é sobre Garrincha como sobre o “povo” de quem ele era a “alegria”. Mesmo sem nunca se instalar numa perspectiva estritamente “sociológica” (como escreveu à época Nelson Rodrigues, “Joaquim Pedro é sensível demais, inteligente demais, delirante demais, para ser um sociólogo”, e “nunca será um idiota da objectividade”), há no filme um constante corropio entre Garrincha e a sua popularidade, entre a biografia de Garrincha e o seu estatuto aos olhos do povo. Um exemplo está naquele pequeno ensaio (parcialmente frustrado) de “cinema-verité” que consiste em testar a popularidade de Garrincha filmando-o enquanto atravessa a rua, no meio da multidão, para ir ao banco. Mas está também, e com outra dimensão, na associação subtil de Garrincha à auto-estima dos brasileiros, salientando a sua importância na superação do “complexo de inferioridade” que fazia com que o Brasil maravilhasse o mundo com o seu futebol mas depois chegasse à final e perdesse. É menos filmar Garrincha como um “vencedor” (coisa que a sua desgraçada vida futura, “maradonesca” mas com menos glamour e muito menos dinheiro, até contrariaria) do que um povo que se sentiu vencedor por causa de Garrincha. Os planos da assistência, que oferecem rostos ao “povo” e o arrancam à abstracção, são porventura o mais perfeito ponto de chegada do filme: trata-se de “devolver” Manoel Francisco dos Santos àqueles que fizeram dele “Mané Garrincha, a alegria do povo”.

Luís Miguel Oliveira